



## O CUIDADO DE SI SOCRÁTICO E A VIDA FILOSÓFICA: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS

PRISCILA CÉSPEDE CUPELLO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de discutir o tema do *cuidado de si* e da vida filosófica a partir das perspectivas desenvolvidas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), especialmente em seus cursos lecionados no *Collège de France* na década de 1980: *L'herméneutique du sujet* (1981-1982) e *Le Courage de la Vérité* (1984). Michel Foucault destaca que Sócrates é o primeiro na história da filosofia a se preocupar com o *cuidado de si*, um cuidado que não é com o corpo nem com as horarias, mas com a alma e com a vida que se vive. O Sócrates de Foucault é aquele que se coloca a missão de *cuidar de si e dos outros*, vivendo exemplarmente a vida filosófica, aquela comprometida com o exame constante de suas opiniões a fim de não cometer ação injusta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética, Política e Estética da Existência.

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à aborder le thème de *souci de soi* et de la vie philosophique, à partir des perspectives développées par le philosophe français Michel Foucault (1926-1984), notamment, dans ses cours dispensés au *Collège de France*, dans les années 1980: *L'herméneutique du sujet* (1981-1982) et *Le Courage de la Vérité* (1984). Michel Foucault rappelle que Socrate est le premier de l'histoire de la philosophie à s'intéresser au souci de soi, un souci qui n'est pas du corps ou des heures, mais de l'âme et de la vie que l'on vit. Le Socrate de Foucault est celui qui se donne pour mission de *souci de soi et des autres*, de mener une vie philosophique exemplaire, engagé dans l'examen constant de ses opinions pour ne pas commettre d'actions injustes.

**MOTS-CLÉS:** Éthique, Politique et Esthétique de l'existence.

Nas pesquisas foucaultianas, Sócrates aparece como sendo o primeiro na história da filosofia a se preocupar com a noção de *cuidado de si* (*epiméleia heautoû*), tema que atravessa alguns diálogos de Platão<sup>2</sup>, nos quais Foucault destaca como diálogos exemplares: o *Primeiro Alcibíades*<sup>3</sup> e o *Laques*. O tema do *cuidado de si* destaca-se também em uma passagem das

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Filosofia pelo Programa de PPGLM/UFRJ com bolsa FAPERJ. Doutora em Filosofia pelo PPGLM/UFRJ. E-mail: cupello.priscila@gmail.com.

<sup>2</sup> Os principais diálogos de Platão analisados por Michel Foucault para falar de Sócrates foram: *Apologia*, *Críton*, *Fédon*, *Primeiro Alcibíades* e *Laques*.

<sup>3</sup> Existe um debate em torno da autenticidade da obra *Primeiro Alcibíades* de Platão. Schleiermacher “invoca como argumento para esta inautenticidade, la forma, los estilos, la psicología del diálogo y el tipo de contenido que, según él, no encaja con el estilo platónico” (1836, p.10). No entanto “en la opinión de Plutarco, de Olimpiodoro y de Proclo, el texto principal para la introducción a una lectura de Platón” (VALENTIM, 2012, p. 21). Já Michel Foucault acreditava que o diálogo tinha sido reescrito por Platão mais para o final de sua vida e por isso conta com

*Memoráveis* de Xenofonte, no episódio em que Sócrates pergunta a Eutidemo<sup>4</sup> se ele leu a inscrição *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) gravada no Templo de Delfos e dedicou-se a buscar a conhecer a si mesmo (XENOFONTE, *Memoráveis*, 4, 2, 24).

De acordo com Foucault existia uma certa cultura do *cuidado de si* no mundo Antigo que girava em torno da visita ao Oráculo. Foucault destaca o acoplamento, ou como ele denomina, a “subordinação” do “conhece-te a ti mesmo” “ao preceito do cuidado de si” na cultura antiga (FOUCAULT, 2001, p. 6). Isto porque para se visitar ao Oráculo era necessário cumprir outras duas recomendações: *medèn ágan* (“nada em demasia”), que significa não colocar questões em excessos aos deuses, ou seja, perguntar somente o necessário; e *engýe* (“as cauções”), ou seja, não se comprometer com promessas que não possam ser cumpridas. Logo, a subordinação do preceito *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) ao da *epiméleia heautoû* (“cuidado de si”) remete a uma determinada prudência que se deveria ter antes de se procurar o Oráculo. De acordo com Salma Muchail:

O Curso de 1982 tem seu ponto de partida na distinção (ou oposição) entre cuidado de si e conhecimento de si. [...] Ao cuidado de si corresponde a linhagem espiritual do pensamento segundo a qual o acesso à verdade é alcançado por atos ou práticas envolvendo e transformando todo o ser do sujeito. Ao conhecimento de si corresponde o pensamento de tipo representativo segundo o qual o acesso à verdade é privilégio do sujeito em razão de sua própria e inalterável estrutura, precisamente, a de ser sujeito cognoscente (MUCHAIL, 2009, p. 81).

Ao eleger a supremacia e anterioridade necessária do “cuidado de si” em relação ao “conhece-te a ti mesmo”, Foucault salienta que a prescrição délfica não estava inserida em uma formulação do conhecimento de si “como fundamento da moral, nem como princípio de uma relação com os deuses” (FOUCAULT, 2001, p. 5). Foucault afirma que esta fórmula no fundo quer passar a mensagem de que “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo” (FOUCAULT, 2001, p. 6). Para Foucault, o personagem Sócrates estava intimamente relacionado à esta cultura do cuidado de si. Foucault destaca que:

---

elementos dos últimos diálogos de Platão (1984). Nesta tese assumimos a posição positiva acerca da autenticidade do diálogo, tal como Foucault (FOUCAULT, 2009).

<sup>4</sup> Eutidemo, filho de Dioclés (aparece em Platão, *Banquete*, 222b). Não confundi-lo nem com o Eutidemo do diálogo homônimo, o sofista; nem com o filho de Céfalo, da *República*. Para a distinção entre os três Eutidemos, conferir: NAILS, 2002, pp.151-152.

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual – ou a liberdade cívica, até certo ponto foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os antigos diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio – Epícteto, Marco Aurélio... – ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral [...] nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos – para conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer – eis o aspecto familiar do *gnôthi seauton* – e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo (FOUCAULT, 1994b, p. 712).

No entanto, a partir de um recorte de longa duração histórica, Foucault analisa que a prática do *cuidado de si* foi se separando lentamente da atividade filosófica. Este processo começou a ser desenvolvido durante a Idade Média com o surgimento da teologia e teve seu marco final com Descartes na modernidade. Nesta repartição, a filosofia ficou com o raciocínio lógico-argumentativo, enquanto que os exercícios espirituais ficaram restritos às práticas clericais. Descartes representaria o marco desta mudança. De acordo com Francesco Adorno:

As consequências morais desta mudança são imediatamente perceptíveis: Descartes pensa ser perfeitamente possível que um sujeito imoral tenha acesso à verdade: “Posso ser imoral e conhecer a verdade”. Para a filosofia grega, por sua vez a relação com a verdade é imediatamente moral: um indivíduo notoriamente imoral não pode conhecer o verdadeiro. Essa diferença se deve ao fato de que, para os gregos, a legitimidade e a validade de uma opinião não se manifesta no respeito a um critério inerente aos próprios procedimentos de enunciação; elas encontram o critério de verdade no exterior de si mesmas, na correspondência visível que se estabelece entre o dizer e o fazer. O acesso à verdade requeria para os gregos, uma transformação do sujeito tal que tornava o sujeito moralmente digno de ser considerado sujeito verídico (2004, p. 58).

Segundo o autor, “Foucault faz Sócrates – o anti-Descartes por excelência” (ADORNO, 2004, p. 59). Michel Foucault distingue a noção de “espiritualidade” do conceito de “filosofia” para se referir às transformações e diferenciações concernentes à relação entre o sujeito na Antiguidade e na Modernidade:

Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isso chamarmos “filosofia”, creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. (FOUCAULT, 2001, p.16)

Foucault identifica que na Antiguidade a busca filosófica pela verdade está atrelada à transformação de si. Nesse sentido, tanto a filosofia platônica quanto a helenística estavam relacionadas a um convite para uma determinada arte de viver. E este examinar-se não estava atrelado a uma concepção de permanência e manutenção de um “si” estático e fechado enquanto uma essência, mas com uma atividade de abertura de não ser mais quem se é, em uma prática que está inserida em um projeto ético-político que visava o *cuidado de si* para o *cuidado com os outros* e, conseqüentemente, o bom governo da cidade (FOUCAULT, 2001, p.17).

### **O cuidado de si socrático e vida filosófica**

Sócrates é o primeiro na história da filosofia a se preocupar com quem se é e fazer também os outros se preocuparem consigo mesmo. Ernani Chaves destaca que Sócrates é o ponto de partida de Foucault ao distinguir uma filosofia como “discurso metafísico sobre a verdade divina da alma de uma filosofia como prática da verdade que se constitui ao mesmo tempo como prática de si” (CHAVES, 2013, p. 41). Após a morte de Sócrates, temos a expansão da filosofia enquanto um exercício espiritual, com as filosofias helenísticas, principalmente, com o estoicismo e com o cinismo.

O *cuidado de si* que Sócrates propõe não é o cuidado com as honrarias, bens ou reputação, mas o cuidado com a alma (*psykhé*). Este cuidado implica uma constante vigilância de *si* sobre *si* para que não se tenha a alma habitada por opiniões falsas que possam se desdobrar em uma ação injusta. A vida filosófica, a qual Sócrates inaugura, é uma existência comprometida com o *cuidado de si e dos outros*, em busca da verdade, praticante do exame das opiniões para que não se venha a cometer uma injustiça. De acordo com Foucault, este cuidado é também:

o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo de verdade” (FOUCAULT, 1994b, p. 713).

O jogo de verdade se relaciona com a prática de uma vida refletida, exemplarmente vivida por Sócrates, que se colocava sempre disposto a conversar com as pessoas na *Ágora* e examinar as suas próprias opiniões e a dos outros. O *cuidado de si* socrático é aquele que convida a jogar o jogo de perguntas e respostas que conduzem ao exame das opiniões. Mas nesse jogo em busca da verdade é necessário que haja alguém disposto a dizer a verdade e outro a escutá-la.

A vida filosófica é aquela que se coloca sempre na atitude ativa de refletir sobre as suas opiniões, em busca da verdade, que é sempre uma abertura para a mudança de si enquanto aquilo que se pensa, pois “enquanto não morre finalmente, enquanto não chega o último instante da sua vida, esse risco de ser atingido por uma opinião falsa e ver a alma se corromper existe” (FOUCAULT, 2009 p. 95).

### **A *parresía* socrática no tribunal ateniense**

No diálogo *Apologia* de Platão, Sócrates encontra-se no tribunal acusado de três crimes: corromper a juventude, não acreditar nos deuses atenienses e introduzir novas divindades. Sócrates poderia ter escrito um discurso de defesa e pedir clemência pela sua vida, como faziam a maior parte das pessoas que se defendiam no tribunal ateniense. No entanto, ele ouve a voz de seu *daímon* que o orienta a não escrever um discurso de defesa e examinar se teria cometido algum dos crimes que estava sendo acusado (PLATÃO, *Apologia*, 31d-e). E, justamente, por escolher falar francamente no tribunal, buscar a verdade e a promoção da justiça que Sócrates se coloca em risco, pois esta não a linguagem esperada do tribunal.

O modo como Foucault vai analisar a *parresía* socrática no diálogo *Apologia* de Platão parte da concepção de *parresía* como uma atitude de falar franco e verdadeiro que implica na coerência entre aquilo que se pensa e como se age, no risco de perder a vida ao dizer a verdade e na oposição ao discurso retórico que se vale da lisonja para convencer. Foucault afirma: “[a *parresía*] é uma atitude, uma maneira de ser que se aparenta à virtude, uma maneira de fazer” (FOUCAULT, 2009, p. 15).

Na *Apologia* de Platão (30e), Sócrates apresenta-se como aquele que tem o ofício de incitar os outros a cuidarem de si mesmos. Sócrates se compara ao tavão, um inseto que persegue e importuna os animais e afirma que os atenienses sofrerão com a sua morte, pois não terão mais ninguém a incitá-los a cuidarem de si mesmos. A escolha de Sócrates em viver uma vida filosófica, caracterizada pela harmonia entre pensamento e prática, teve como consequência a condenação à morte por envenenamento. Podemos dizer que o filósofo preferiu a morte do que viver uma vida que não fosse digna de ser vivida. Michel Foucault destaca que:

A vida filosófica é uma manifestação da verdade. Ela é um testemunho. Pelo tipo de existência que se leva, pelo conjunto de opções que se faz, pelas coisas a que você renúncia, pelas que aceita, pela maneira como você se veste, pela maneira como fala, etc., a vida filosófica deve ser, de ponta a ponta, a manifestação dessa verdade (FOUCAULT, 2008, pp. 315-316).

Quando Foucault se volta para a Antiguidade e elege Sócrates como o “homem do cuidado de si” (FOUCAULT, 2001, p.10), ele se interessa pelo modo de vida que Sócrates escolheu viver, ou seja, pela forma como o filósofo ateniense relacionava-se com as pessoas, como vivia sua vida e sua conduta perante sua sentença de morte. Sócrates inaugura a “modalidade filosófica de dizer a verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 26). De acordo com Foucault, “Sócrates é aquele que tem a coragem de dizer a verdade, que aceita se arriscar à morte para dizer a verdade, mas praticando a prova das almas no jogo de interrogação irônica” (FOUCAULT, 2009, p. 67). Ele inaugura uma vida diferente, uma forma singular de existência, pois:

Se todos em princípio são capazes de aceder à prática de si, também é fato que, no geral, poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo. Falta coragem, falta força, falta resistência – incapazes de aperceber-se da importância desta tarefa, incapazes de executá-la: este, com efeito, é o destino da maioria (FOUCAULT, 2001, p. 115).

A vida filosófica proposta por Sócrates é comprometida com o exame constante de suas opiniões para que não se venha a cometer um ato injusto. A conduta ética precisa ser investida de um *êthos* “bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo” (FOUCAULT, 1994b, p. 714). Nesse sentido, a ética (*êthos*) se articula a uma liberdade que também é política. “O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, pela maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos” (FOUCAULT, 1994b, p. 714). Portanto, este “viver bem” que Sócrates representou exemplarmente implica em uma certa liberdade de construir para si mesmo um modo de vida singular, único. Logo, “ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem de seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada de *arkhé* – poder, comando” (FOUCAULT, 1994b, p. 714), que implica também uma certa maneira de cuidar de si e dos outros, por isso:

é importante, para um homem livre que se conduz adequadamente, saber governar sua mulher, seus filhos, sua casa. Nisso também reside a arte de governar. O *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso o cuidado de si implica também uma relação com o outro, uma vez que para cuidar de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os

outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 1994b, p. 714).

O tema da liberdade é um problema do *êthos*, de um certo modo de se conduzir, de se portar.

Para os gregos, a liberdade individual era muito mais importante – contrariamente o que diz o lugar comum, mais ou menos derivado de Hegel, segundo o qual a liberdade do indivíduo não teria nenhuma importância diante da bela liberdade da cidade: não ser escravo (de uma outra cidade, daqueles que o cercam, daqueles que governam, de suas próprias paixões) era um tema absolutamente fundamental; a preocupação com a liberdade foi um problema essencial, permanente, durante os oito grandes séculos da cultura antiga. Nela temos toda uma ética que girou em torno do cuidado de si e que confere à ética antiga sua forma particular. Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: ‘cuida-te de ti mesmo’ (FOUCAULT, 1994b, p. 712).

O problema socrático é justamente: “como ensinar a virtude e como dar aos jovens as qualidades e os conhecimentos necessários, seja para viver, seja também para governar direito a cidade?” (FOUCAULT, 2009, p. 27). Pierre Hadot (2014, p. 106) destaca que a filosofia socrática é “inteiramente exercício espiritual, novo modo de vida, reflexão ativa, consciência viva”<sup>5</sup>. Como acontece no diálogo *Laques* de Platão (187a), em que Nícias comenta que quando o Sócrates está presente na conversa, a mesma é sempre conduzida para o exame sobre a vida que se leva, mesmo que o assunto inicial da conversa verse sobre um tema banal.

Podemos dizer que mais que uma verdade a proferir, Sócrates defendia uma atitude virtuosa perante a vida. Pierre Hadot afirma que “por esse apelo ao ser do indivíduo, a trajetória socrática é existencial” (HADOT, 2014, p. 105). Esta trajetória existencial é a do sujeito que se constrói enquanto experiência ativa, ou seja, aquele que age sobre si mesmo buscando melhorar-se. Alcibíades foi o porta-voz do questionamento socrático do “cuidado de si” ao dizer que “Sócrates me obriga a reconhecer para mim mesmo que, ainda que eu seja deficiente sob tantos pontos, persisto em não cuidar de mim mesmo e em me ocupar somente com os negócios atenienses” (PLATÃO, *Banquete*, 216a).

Foucault destaca que o *cuidado de si* vem “eticamente em primeiro lugar [quando comparado com o cuidado com os outros], na medida em que a relação consigo mesma é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 1994b, p. 714). Todavia, o cuidado de si se estende

---

<sup>5</sup> Kierkegaard destaca que “ser mestre não é martelar afirmações, nem dar lições para aprender etc.; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo, quando tu te instalas naquilo que ele compreendeu, na maneira como ele compreendeu” (*apud* HADOT, 2014, p. 103).

inevitavelmente ao cuidado com os outros e, por conseguinte, com o cuidado com a cidade. Sendo assim, “uma cidade na qual todo mundo cuidasse de si adequadamente funcionaria bem e encontraria nisso o princípio ético de sua permanência” (FOUCAULT, 1994b, p. 715). Podemos dizer que o tirano coloca em risco a liberdade dos outros e o bom governo da cidade, visto que o mal governante é escravo de seus próprios desejos, pois não se cuidou adequadamente. Já o bom soberano “é precisamente aquele que exerce seu poder adequadamente, ou seja, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo. É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros” (FOUCAULT, 1994b, p. 716).

Para Foucault, Sócrates é o representante do pensamento da diferença, ele instaura uma novidade que se traduz na vida filosófica, ou seja, naquela que exige a coerência entre o pensamento e a ação no mundo. A morte de Sócrates é exemplar para a história da filosofia, pois mostra como Sócrates teve coragem de colocar em prática a vida filosófica, ainda que o custo tenha sido a própria vida. Segundo Foucault:

A morte de Sócrates funda bem, a meu ver, na realidade do pensamento grego, e logo, na história ocidental, a filosofia como forma de veridicção que não é nem a da profecia nem a da sabedoria nem a da *tékhnē*; uma forma de veridicção própria precisamente do discurso filosófico, cuja coragem deve ser exercida até a morte, como uma prova de alma que não pode ter seu lugar na tribuna política (FOUCAULT, 2009, p. 105).

O personagem Sócrates aparece como um exemplo de vida singular que confrontou a ordem preestabelecida, que colocou os valores sociais em xeque e que usa da *parresía* (o dizer-verdadeiro)<sup>6</sup> para falar a sua verdade afrontando os membros do tribunal ateniense e criticando a democracia.

### Considerações finais

Este artigo analisou o tema do *cuidado de si* e da vida filosófica a partir das perspectivas desenvolvidas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), que destaca o personagem Sócrates como sendo o primeiro na história da filosofia a se preocupar com a noção de *cuidado de si*, que não é um cuidado com o corpo nem com as horarias, mas com a alma e com a vida que se vive. O Sócrates de Foucault é aquele que se coloca a missão de *cuidar de si e dos outros*,

---

<sup>6</sup> De acordo com o pesquisador Frédéric Gros (2004b), Michel Foucault elegeu a noção de *parresía* (ato de falar francamente, de dizer a verdade) como um objeto privilegiado das suas últimas aulas ministradas em Paris na década de 80. Este tema possibilitou que o filósofo reconfigurasse as problemáticas em torno da relação entre sujeito e verdade e novas formas de subjetivação.

vivendo exemplarmente a vida filosófica, aquela comprometida com o exame constante de suas opiniões para não cometer ação injusta.

A vida filosófica é a vida na virtude e pela virtude, que se relaciona com o *cuidado de si e dos outros*, que consiste no exame das opiniões para que não se venha a realizar nenhuma ação injusta, ao que Sócrates afirma “a vida sem esse exame não vale a pena ser vivida” (PLATÃO, *Apologia*, 38a-b). Durante toda sua vida Sócrates se orgulhou por não ter se preocupado com dinheiro e fama, mas com a prudência, a verdade, a virtude e com o melhoramento da alma.<sup>7</sup> Na *Apologia* de Xenofonte, Sócrates afirma que “é-me agradável ter vivido toda a minha vida na piedade e na justiça” (I, 5-6).

Para Foucault, a morte de Sócrates é justamente o que exemplifica o quanto a vida de Sócrates estava na contramão da vida ordinária de seus contemporâneos, o quanto a vida filosófica destoa da maioria e o quanto é preciso ter coragem para viver uma vida diferente, resistindo às normas e valores sociais pré-estabelecidos.

Sócrates não representa exatamente uma “vida infame”, que foi deixada sem voz e obscurecida pela história, mas poderíamos dizer que ele é um infame por estar na contramão da ordem social preestabelecida e por representar, justamente, o pensamento da diferença, pois se diferencia da forma de agir e pensar de seus contemporâneos (FOUCAULT, 1994a, p. 237).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 41-62.

CHAVES, Ernani. *Michel Foucault e a verdade cínica*. São Paulo: PHI, 2013.

FOUCAULT, Michel. “La vie des hommes infames”. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994a. t. 3, pp. 237-253.

\_\_\_\_\_. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.

\_\_\_\_\_. *L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté*. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994b. t. 4, pp. 708-729.

\_\_\_\_\_. *Le Gouvernement de Soi et des Autres: Cours au Collège de France (1982-1983)*, Le Seuil: Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *L'herméneutique du sujet: Cours au Collège de France (1981-1982)*. Paris, Gallimard-Seuil, 2001.

---

<sup>7</sup> Sócrates durante sua defesa pede que se algum dia seus filhos vierem a acreditar que a riqueza vale mais do que a virtude, que os atenienses os recriminem, pois desse modo estariam agindo com justiça com ele (PLATÃO, *Apologia*, 41e).

GROS, Frédéric. A coragem da verdade. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 11-12.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É realizações, 2014.

MUCHAIL, Salma Tannus. A Propósito do título A Hermenêutica do Sujeito. *Revista Filosofia- Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 79-86, 2009.

NAILS, Debra (1950). *The people of Plato*. A prosopography of Plato and Other Socratics. Indianapolis: Hackett, 2002.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, Belém, 2015.

\_\_\_\_\_. *Laques, Eutífron*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

\_\_\_\_\_. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 3).

\_\_\_\_\_. *Primeiro Alcibíades, Segundo Alcibíades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

\_\_\_\_\_. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2002.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTÓFANES. *Defesa de Sócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates, As nuvens*. Tradução de Platão por Jaime Bruna, de Xenofonte por Líbero Rangel de Andrade e de Aristófanos por Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 2).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Introduction to the dialogues of Plato*. Translated by William Dobson. Cambridge, MA, 1836.

VALENTIM, Inácio. *Las Lecturas Platónicas de Michel Foucault. Lenguaje, Ética y Política: Parresía y el cuidado de sí en el Alcibíades, el Eutifrón y el Laques*. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidad Carlos III, Madrid, 2012.